Globethics Repository



Encontro de civilizações. Como Joseph Ratzinger vê o Islã [Encounter of civilizations. How Joseph Ratzinger sees Islam]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Samir, Khalil
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-16 23:15:30
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162537

Encontro de civilizações. Como Joseph Ratzinger vê o Islã

Por Khalil Samir

Khalil Samir é um jesuíta egípcio que conhece muito de perto o Papa e a religião muçulmana. O artigo a seguir foi publicado na agência de notícias *Ásia News* em 6/05/2006. Samir é docente de Islamologia e Cultura Árabe na Université Saint-Hoseph de Beirute e no Pontifício Instituto Oriental de Roma e presidente da International Association for Christian Arabic Studies. Em setembro de 2005, participou, em Castel Gandolfo, de um encontro de estudos com Bento XVI sobre o conceito de Deus no Islã.

O primeiro lançamento on-line deste ensaio ocorreu em 26 de abril de 2006 na *Ásia News*, agência especializada sobre a Ásia – traduzida também para o chinês – fundada e dirigida em Roma pelo padre Bernardo Cervellera, do Pontifício Instituto Missioni Estere. Traduzimos e publicamos o artigo na íntegra:

Bento XVI[62] é talvez uma das poucas personalidades que entenderam profundamente a ambigüidade na qual se debate o Islã contemporâneo e seu esforço para encontrar um lugar na sociedade moderna. Ao mesmo tempo, ele está propondo ao Islã um caminho para construir a convivência mundial, e com as religiões, baseado, não no diálogo religioso, mas num diálogo cultural e de cidadania, fundamentado na racionalidade e numa visão do homem e da natureza humana, que vem antes de qualquer ideologia ou religião. Este apontar para o diálogo cultural explica a sua escolha de absorver o pontifício conselho para o diálogo inter-religioso para dentro do conselho pontifício maior para a cultura.

Enquanto o Papa pede ao Islã um diálogo baseado na cultura, nos direitos humanos, na recusa da violência, ao mesmo tempo pede ao Ocidente que ele volte a uma visão da natureza humana e da racionalidade, na qual não se exclua a dimensão religiosa. Deste modo, - e talvez somente assim - poder-se-á evitar um conflito das civilizações, transformando-o, ao invés, num diálogo entre as civilizações.

O totalitarismo islâmico é diverso do cristianismo

Para compreender o pensamento de Bento XVI sobre a religião islâmica, é

[62] **Joseph Ratzinger**: teólogo alemão, atualmente Papa Bento XVI, foi escolhido pontífice em 19 de abril de 2005, sucedendo a João Paulo II. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais, *Introdução ao cristianismo* está sendo republicado pelas Edições Loyola. (Nota da *IHU On-Line*)

preciso seguir sua evolução. Um documento verdadeiramente essencial se encontra em seu livro, escrito junto com Peter Seewald[63] em 1996, quando era ainda cardeal, com o título ***O sal da terra***[64]. Nas páginas 274-278, ele faz algumas considerações e põe em destaque algumas diferenças entre o islamismo e a religião cristã e o Ocidente.

Ele mostra, sobretudo, que, no islamismo, não existe uma ortodoxia, porque não existe uma autoridade, um magistério doutrinal comum. Isso torna difícil o diálogo: quando dialogamos, não dialogamos "com o Islã", mas com grupos. O ponto-chave que ele enfrenta, porém, é aquele sobre a *shari'a*. Ele diz:

"O Alcorão é uma lei religiosa que abraça tudo, que regula a totalidade da vida política e social e supõe que todo o ordenamento da vida seja aquele do Islã. A *shari'a* plasma uma sociedade de alto a baixo. Conseqüentemente, o islamismo pode desfrutar das liberdades concedidas pelas nossas constituições, mas não pode colocar entre as suas finalidades aquela de dizer: sim, agora somos também nós, entes de direito público; agora estamos presentes na sociedade como os católicos e os protestantes. A esta altura o Islã ainda não atingiu plenamente o seu verdadeiro objetivo, encontra-se ainda numa fase de alienação".

Esta fase, segundo ele, só se poderá concluir com a islamização total da sociedade. Quando, por exemplo, um islâmico se encontra numa sociedade ocidental, ele pode gozar ou desfrutar de alguns elementos, mas não se identificará jamais com o cidadão não-muçulmano, porque não se encontra numa sociedade muçulmana.

Dificuldade de diálogo

O cardeal Ratzinger viu, pois, com clareza uma dificuldade essencial da relação sociopolítica com o mundo muçulmano, que provém da concepção totalizante da religião islâmica, profundamente diversa do cristianismo. Por isso, ele insiste em dizer que não devemos procurar projetar sobre o Islã a visão cristã da relação entre política e religião. Isso seria dificílimo: o islamismo é uma religião totalmente diversa do cristianismo e da sociedade ocidental e isto não torna fácil a convivência.

Num seminário a portas fechadas, em Castel Gandolfo, na Itália, nos dias 1 e 2 de setembro de 2005[65], o Papa insistiu e sublinhou a mesma idéia: a profunda diversidade entre o islamismo e o cristianismo. Desta vez, partiu de um ponto de vista teológico, tendo em conta a concepção islâmica da revelação: o Alcorão "desceu" sobre Maomé, não foi "inspirado" a Maomé. Por isso, o muçulmano não se sente no direito de interpretá-lo, mas está ligado a este texto que emergiu na Arábia no século VII. Isso leva às mesmas conclusões de antes: a absolutez do Alcorão torna muito mais difícil o diálogo, porque as possibilidades de interpretação parecem ser excluídas ou, em todo o caso, são muito reduzidas. Como se pode ver, o seu pensamento como cardeal se prolonga na sua visão

---

[63] **Peter Seewald** (1954): jornalista e escritor alemão. Até 1994 foi redator nas revistas ***Spiegel*** e ***Stern*** e no jornal ***Süddeutsn Zeitung.*** Junto com o então Cardeal Ratzinger, hoje Papa Bento XVI, escreveu o livro ***O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no século XXI. Um diálogo com Peter Seewald/Joseph Ratzinger.*** 2ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 2005, bem como a obra ***Deus e o mundo.*** (Nota da ***IHU On-Line***)

[64] ***O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no século XXI. Um diálogo com Peter Seewald/Joseph Ratzinger.*** 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005

[65] Seminário onde se debateu a diferença crucial na visão da sociedade entre os seguidores do Alcorão e do Evangelho e se analisou o papel da Igreja no variegado mundo muçulmano. Confira as notícias diárias do dia 17 de maio. (Nota da ***IHU On-Line)***

como pontífice, que põe em destaque as profundas diferenças entre o islamismo e o cristianismo.
Aos 24 de julho de 2005, em Val d'Aosta, logo depois do Ângelus, a uma pergunta sobre se o islamismo pode ser considerado uma religião de paz, responde: "Eu não expressarei isso em palavras genéricas, pois certamente o Islã contém elementos em favor da paz, como contém ainda outros elementos". Embora não de modo explícito, Bento XVI faz compreender que o islamismo sofre de ambigüidades em relação à violência, justificando-a em vários casos. E acrescenta: "Devemos sempre procurar encontrar os elementos melhores". Uma outra pessoa pergunta, então, se os ataques dos terroristas podem ser considerados anticristãos. Sua resposta é clara: "Não, geralmente a intenção parece ser muito mais geral e não precisamente dirigida à cristandade".

Diálogo entre culturas, muito mais frutuoso do que o diálogo inter-religioso

Em Colônia, aos 20 de agosto do ano passado, o Papa Bento XVI tem seu primeiro grande encontro com representantes da comunidade muçulmana. Num discurso relativamente longo, ele diz: "Estou certo de interpretar também o vosso pensamento, ao pôr em evidência, entre as preocupações, aquela que nasce da constatação do fenômeno do terrorismo em expansão". Agrada-me aqui o fato de que o Papa também envolva os muçulmanos, dizendo-lhes que temos a mesma preocupação. No texto italiano, que confrontei com o alemão, descobri que falta uma frase: "Sei que sois numerosos em rejeitar com força, também publicamente, em particular qualquer ligação entre o terrorismo e a vossa fé, e a condená-lo claramente". Mais adiante, diz que "o terrorismo de qualquer matriz que seja, é uma escolha perversa e cruel (uma palavra que ele repete três vezes – ndr) que espezinha o direito sacrossanto à vida e solapa os próprios fundamentos de toda convivência civil". Depois, de novo, envolve o mundo islâmico: "Se juntos conseguirmos extirpar do coração os sentimentos de rancor, rejeitar toda forma de intolerância e opor-nos a toda manifestação de violência, deteremos a onda de fanatismo cruel que põe em risco a vida de tantas pessoas, obstaculizando o progresso da paz no mundo. A tarefa é árdua, mas não impossível, e o crente pode aí chegar". Agradou-me muito ter ele sublinhado "extirpar dos corações os sentimentos de rancor".

Bento XVI compreendeu que uma das causas do terrorismo é este sentimento de rancor. E, mais adiante: "Caros amigos, eu estou profundamente convencido de que devemos, sem ceder às pressões negativas do ambiente, afirmar os valores do respeito mútuo, da solidariedade e da paz". E ainda: "Temos um grande espaço de ação, no qual podemos sentir-nos unidos a serviço dos valores morais fundamentais; a dignidade da pessoa e a defesa dos direitos que brotam de tal dignidade, devem constituir o escopo de todo projeto social, de todo esforço posto em ação para concretizá-lo". E aqui vem uma frase essencial: "Esta é uma mensagem articulada de modo inconfundível pela voz submissa, mas clara da consciência. Somente no reconhecimento da centralidade da pessoa se pode encontrar uma base comum de compreensão, superando eventuais contraposições culturais e neutralizando a força dilaceradora das ideologias". Por conseguinte, ainda antes das religiões, existe a voz da consciência, e todos devemos lutar pelos valores morais, a dignidade da pessoa e a defesa dos direitos.

Para Bento XVI tudo está, por isso, baseado na centralidade da pessoa, que

supera tanto as contraposições culturais, como as ideologias. E penso que sob ideologias também se possam compreender as religiões. Esta é uma das idéias-força do Papa: ela também explica por que ele, surpreendendo a todos, uniu o pontifício conselho para o diálogo inter-religioso e o conselho para a cultura. Esta escolha nasce de sua profunda visão e não é, como se disse na imprensa, para "fazer sair" monsenhor Michael Fitzgerald[66], merecedor de muito reconhecimento. Talvez seja também por isso, mas não é o objetivo. A idéia essencial é que o diálogo com o islamismo e com as outras religiões não pode ser essencialmente um diálogo teológico ou religioso, ou, em sentido amplo, sobre valores morais. Ele deve, ao invés, ser um diálogo de culturas e de civilizações.

Com o islamismo diálogo intercultural, não interreligioso

Vale a pena recordar que, já no longínquo 1999 o cardeal Ratzinger participara de um encontro com o príncipe Hassan da Jordânia[67], o metropolita Damaskinos de Genebra[68], o príncipe Sadruddin Aga Khan[69], morto em 2003, e o grande rabino de França, René Samuel Sirat[70]. Muçulmanos, judeus e cristãos tinham sido convidados por uma fundação para o diálogo inter-religioso e intercultural, a fim de criar um ponto de diálogo cultural entre eles. Este passo para o diálogo intercultural é de extrema importância. Em todos os diálogos que se fazem com o mundo muçulmano, mal se inicia a tratar temas religiosos, começa-se a falar de palestinos, Israel, Iraque, Afeganistão, em suma, de todos os conflitos políticos ou culturais. Com o Islã, jamais se consegue fazer um discurso positivamente teológico: não se pode falar da Trindade, da encarnação etc. Certa vez, em Córdoba, em 1977, fez-se uma convenção sobe a noção de profecia. Depois de haver tratado do caráter profético de Cristo, do modo como é visto pelos muçulmanos, um cristão expôs o caráter profético de Maomé do ponto de vista cristão e ousou dizer que a Igreja não pode reconhecê-lo como profeta, que, no máximo, poderia defini-lo como tal, mas somente num sentido genérico, como se diz que Marx[71] é "o profeta" dos tempos modernos. Resultado:

---

[66] **Michael Fitzgerald:** arcebispo católico romano. É o núncio-. (Nota da ***IHU On-Line***)

[67] **Príncipe Hassan da Jordânia** (1947)**:** El Hassan bin Talal, é irmão do rei Hussein, da Jordânia, morto em 1999, e tio do atual monarca, Abdullah II. Foi membro de uma série de instituições jordanianas e internacionais. Suas idéias sobre uma nova ordem humanitária internacional levaram a ONU a criar a Comissão Independente sobre Assuntos Humanitários Internacionais. Entre outras atividades, ele é co-fundador do Parlamento de Culturas, com sede na Turquia e já fez parte de um comitê sobre assuntos inter-religiosos da Unesco. Talal esteve em São Paulo em março de 2006. Entre seus inúmeros livros, citamos: ***Autodeterminação palestina*** (1981). (Nota da *IHU On-Line*)

[68] **Metropolita Damaskinos:** patriarca ecumênico da igreja ortodoxa de Constantinopla da Suíça. **(Nota da** *IHU On-Line***)**

[69] **Príncipe Sadruddin Aga Khan** (1933-2003): príncipe nascido na França, filho do Sultão Muhammad Shah Aga Khan III. Participava do alto comissionado para Refugiados de Naciones Unidas (UNHCR) desde 1965 a 1977. Possuía nacionalidade francesa, iraniana e suíça. (Nota da ***IHU On-Line***)

[70] **René-Samuel Sirat**: personalidade determinante do judaísmo contemporâneo e da comunidade judia na França onde ele foi o Grande Rabino de 1981 a 1988. (Nota da ***IHU On-Line***)

[71] **Karl Heinrich Marx** (1818 – 1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.ª Dr.ª Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da ***IHU On-Line***)

tivemos que interromper o encontro e por três dias só se falava disto.
Os momentos mais frutíferos nos meus encontros com os muçulmanos foram quando se falava de questões interdisciplinares ou interculturais. Participei mais vezes, convidado pelos muçulmanos, de encontros inter-religiosos em várias partes do mundo muçulmano: sempre se falou de um encontro de religiões e civilizações ou culturas. Duas semanas atrás, em Isfahan, no Irã, o título era *Encontro de civilizações e religiões*. No próximo dia 19 de setembro, na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, se realizará um encontro organizado pelo Ministério da Cultura do Irã junto com a Itália e também este terá como tema o encontro entre as culturas, com a presença do ex-presidente iraniano Khatami.

O Papa compreendeu este aspecto importante: discutir teologia pode ocorrer somente entre poucos, mas não entre o islamismo e o cristianismo, pelo menos não agora. Ao invés disso, trata-se de abordar a convivência sob os aspectos concretos da política, da economia, da história, da cultura e dos costumes.

Racionalidade e fé

Um outro fato me parece muito importante. Num diálogo no dia 25 de outubro de 2004, entre o historiador Ernesto Galli della Loggia[72] e o então cardeal Ratzinger, num certo momento o cardeal, falando de teologia, recorda as "sementes do Verbo" e sublinha a importância da racionalidade na fé cristã, vista pelos padres da Igreja como o cumprimento da busca de verdade presente na filosofia.

Galli della Loggia diz então: "A vossa esperança, que é idêntica à fé, leva consigo um *logos* que pode se tornar uma apologia, uma resposta que pode ser comunicada aos outros", a todos.

O cardeal Ratzinger responde: "Nós não queremos criar um império de poder, mas temos uma coisa comunicável, ao encontro da qual vai uma expectativa da nossa razão. É comunicável porque pertence à nossa natureza humana comum e existe um dever de comunicar, da parte de quem encontrou um tesouro de verdade e amor. A racionalidade é, portanto, postulado e condição do cristianismo, que permanece como uma herança européia, para confrontar-nos de modo pacífico e positivo, seja com o islamismo, seja com as grandes religiões asiáticas".

Para ele, portanto, o diálogo se dá neste nível, ou seja, fundado na razão. Indo adiante, ele acrescenta: "Esta racionalidade se torna perigosa e destrutiva para a criatura humana, quando se torna positivista (e aqui ele faz uma crítica ao Ocidente – ndr), que reduz os grandes valores do nosso ser à subjetividade, (ao relativismo) e se torna, assim, uma amputação da criatura humana. Não queremos impor a ninguém uma fé que só se pode aceitar livremente, mas como força vivificadora da racionalidade da Europa, que pertence à nossa identidade".

Aqui entra a passagem essencial:

"Tem sido dito que não devemos falar de Deus na constituição européia, porque não devemos ofender os muçulmanos e os fiéis de outras religiões. É verdade o contrário. O que ofende os muçulmanos e os fiéis de outras religiões não é o falar de Deus ou das nossas raízes cristãs, mas antes, o desprezo de Deus e do sagrado é o

[72] **Ernesto Galli della Loggia:** professor de História das Doutrinas Políticas na Universidade de Peruggia. (Nota da ***IHU On-line***)

que nos separa das outras culturas e não cria uma possibilidade de encontro, mas exprime a arrogância de uma razão diminuída, reduzida, que provoca reações fundamentalistas".

Bento XVI admira no Islã a certeza baseada na fé, em oposição ao Ocidente que relativiza tudo; e admira no islamismo o sentido do sagrado, que, ao invés, parece ter desaparecido no Ocidente. Ele compreendeu que o muçulmano não é ofendido pelo crucifixo, pelos signos religiosos: esta é, realmente, uma polêmica laicista que tende a eliminar o religioso da sociedade. Os muçulmanos não se sentem ofendidos pelos símbolos religiosos, mas pela cultura secularizada, pelo fato de que Deus e os valores que eles conectam com Deus estão ausentes desta civilização.
Esta é também a minha experiência, quando de vez em quando converso com muçulmanos que trabalham na Itália. Dizem-me: neste país há de tudo, podemos viver como queremos, mas, infelizmente não há "princípios" (esta é a palavra que usam). Isso é bastante sentido pelo Papa, que diz: voltemos à natureza humana baseada na racionalidade, na consciência que dá idéia dos direitos humanos: e não queiramos reduzir a racionalidade a algo empobrecido, mas integremos o religioso na racionalidade; o religioso faz parte da racionalidade.

Parece-me que Bento XVI precise melhor a visão de João Paulo II. Para o Papa polaco, o diálogo com o Islã devia abrir-se à colaboração em tudo, também na prece. Bento XVI olha para pontos mais essenciais: a teologia não é o que conta, pelo menos não nesta fase histórica: importa o fato que o islamismo é a religião que está se desenvolvendo mais e que se torna mais um perigo para o Ocidente e para o mundo. O perigo não é o islamismo em geral, mas certa visão do islamismo que não renega jamais abertamente a violência e gera terrorismo e fanatismo.

Além disso, ele não quer reduzir o Islã a um fenômeno sociopolítico. O Papa entendeu profundamente a ambigüidade do islamismo que é simultaneamente um e o outro, que talvez jogue num ou no outro *front*. E lança a proposta que, se quisermos encontrar uma base comum, devemos sair do diálogo religioso, para estabelecer fundamentos humanísticos como base deste diálogo, porque somente estes são universais e comuns a todos os seres humanos. O humanismo é um fator universal, enquanto as crenças podem ser fatores de desencontro e divisão.

Sim à reciprocidade, não à transigência

A posição do Papa não decai jamais na justificação do terrorismo e da violência. Talvez também entre personalidades eclesiásticas se deslize para um relativismo genérico: no fundo, a violência está em todas as religiões, também entre os cristãos. Ou então: a violência é justificada como resposta a outras violências... Não, este Papa jamais fez alusões deste gênero.
De outra parte, ele não cai também na conduta de certo cristianismo ocidental marcado pela transigência e por complexos de culpa. Recentemente, entre os muçulmanos há quem tenha solicitado que o Papa peça perdão pelas cruzadas, pelo colonialismo, pelos missionários, pelas charges etc. Bento XVI não cai nesta armadilha, porque sabe que as suas palavras poderiam ser utilizadas, não para construir um diálogo, mas para destruí-lo. Esta é a experiência que temos do mundo muçulmano: todos estes atos, muito generosos e profundamente espirituais, de pedir perdão pelos fatos históricos do passado, são instrumentalizados e apresentados pelos muçulmanos como uma revanche: eis aí – dizem – vós

mesmos o reconheceis, sois culpados. Estes fatos jamais suscitam reciprocidade.

A este propósito, vale a pena recordar o discurso de Bento XVI ao embaixador do Marrocos, aos 20 de fevereiro de 2006, quando fez uma alusão a "respeito das convicções e práticas religiosas alheias, a fim de que, de maneira recíproca, em todas as sociedades seja realmente assegurado a cada um o exercício da religião livremente escolhida". São duas pequenas afirmações, mas importantíssimas, sobre a reciprocidade dos direitos de liberdade religiosa entre países ocidentais e islâmicos e sobre a liberdade de mudar de religião, um fato proibido no Islã. O belo é que ele tenha ousado fazê-lo: no mundo político e eclesial, com freqüência, se tem medo de acenar a estas coisas. Basta ver o silêncio que vige sobre as violações da liberdade religiosa presentes na Arábia Saudita.

Agrada-me muito este Papa, seu equilíbrio, sua clareza. Ele não propõe nenhum compromisso: continua a sublinhar a necessidade de anunciar o Evangelho em nome da racionalidade e, por isso, não se deixa influenciar por quem teme e denuncia um pretenso proselitismo. O Papa pede sempre as garantias para que se possa "propor" a fé cristã e para que esta possa ser "livremente escolhida".

Entrevistas da Semana

A superlotação dos presídios

Entrevista com Carlos Sant´Ana

Carlos Sant´Ana é secretário municipal de Segurança Pública em São Leopoldo. Ele aceitou conversar por telefone com a redação da ***IHU On-Line*** na manhã do dia 15, após ler as *Notícias Diárias*, publicadas na página www.unisinos.br/ihu, sobre a ação do PCC, em São Paulo, no último final de semana. Sant´Ana é categórico ao afirmar que a falta de espaço nos presídios é que determina os problemas gerados pela falta de administração do Estado. "A população é tão grande que o Estado não controla mais, e entrega a "administração" interna dos presídios, das galerias, aos próprios presos. O resultado é o que estamos vendo", conclui. Ele também fala sobre a situação da violência em São Leopoldo e o **Seminário Latino-Americano de Segurança Urbana**, que acontecerá no município, de 29 de maio a 1 de junho de 2006.

Sant´Ana é graduado em Direito e Jornalismo, ambos os cursos realizados na Unisinos. Atuou como delegado de Polícia em diversos municípios gaúchos. Foi chefe de gabinete do chefe de polícia em 2000 e 2001, ao mesmo tempo que respondeu pelo Serviço de Informações Especiais (SIE) da Polícia Civil. Entre